

EDUCAÇÃO SEXUAL EM ESCOLAS ESPECIAIS: ALGUMAS PRÁTICAS

Isabella Mota Colombo ¹
Fátima Elisabeth Denari ²

RESUMO

A Educação Sexual destinada a alunos com deficiências deve ser feita de forma bem fundamentada, com materiais adequados e com planejamento de ações viáveis para que os alunos alcancem a compreensão dos assuntos envolvendo a sexualidade. O presente estudo tem por objetivo identificar quais informações tem sido produzidas na literatura a respeito de experiências de Educação Sexual ofertada a alunos com deficiências em instituições educacionais especializadas. O estudo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, para a qual foi realizado um levantamento bibliográfico. Os resultados apontam que: há poucos trabalhos que abordam experiências de programas de Educação Sexual desenvolvidos em escolas especiais; que a maioria destes programas são destinados a alunos com deficiência intelectual; há interesse dos alunos quantos aos assuntos que envolvem a sexualidade e que há interesse dos professores em educar os seus alunos sexualmente devido à escassez de materiais que embasar sua prática.

Palavras-chave: Educação especial, Educação sexual, Instituições educacionais especializadas, Sexualidade.

INTRODUÇÃO

A Educação Sexual pode ser ofertada para qualquer pessoa de maneira formal ou informal. A educação formal é aquela ofertada em instituições de ensino, enquanto a educação informal é de incumbência da família, por exemplo. Nessa pesquisa, o foco será a Educação Sexual formal ofertada pelas escolas especiais³.

A institucionalização, no Brasil, da educação destinada as pessoas com deficiências ocorreu no final do Império com a criação do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação para Surdos (INES) e o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, hoje Instituto Benjamin Constant. Mesmo com inúmeras políticas

¹Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, bellacolombo@hotmail.com;

²Professor orientador: Doutorado em Metodologia de Ensino, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, fadenari@terra.com.br.

³Este estudo é um recorte da pesquisa de mestrado da autora. Fomentado pela CAPES.

públicas de educação inclusiva, que coloca a educação da pessoa com deficiência preferencialmente na rede regular de ensino, ainda há um número significativo desses alunos em instituições especializadas de educação, pois estas têm grande importância histórica no cenário educacional brasileiro quanto ao atendimento da pessoa com deficiência (SANTOS; MENDONÇA; OLIVEIRA, 2014).

Muitas vezes a rotina destinada a alunos em escolas especiais requer um regime restrito quanto a expressão de comportamentos e desejos afetivos e sexuais; porém esses alunos querem viver seus próprios sonhos, ideais, de formar seus valores e suas identidades e têm o desejo de trocar afetos como beijos e abraços, mas quase sempre esses direitos lhes são negados nesses espaços (DENARI, 2010). São poucos os programas educativos que partem da própria vivência e das necessidades de alunos com deficiências referentes à Educação Sexual; na maioria desses poucos programas prevalece a manutenção da biologização do sexo, em detrimento aos demais aspectos a serem considerados nesse contexto (DENARI, 2002).

A Educação Sexual destinada a alunos com deficiências deve ser feita pelos docentes de forma bem fundamentada e utilizando materiais adequados, com planejamento de ações viáveis para que os alunos alcancem a compreensão de como o seu corpo se modifica, porque isso acontece, como a sexualidade se manifesta e se desenvolve e as formas de se expressá-la, levando os alunos a obterem êxito nessa área do conhecimento (FONSECA; OLIVEIRA, 2013).

Tanto o estudo de Paliarin (2015), quanto o de Schiavon (2018) abordaram a Educação Sexual por meio de oficinas pedagógicas com alunos com deficiência intelectual; tais oficinas foram dotadas de diferentes tipos de materiais, como filmes, desenhos, massa de modelar e conversas. Tais estudos demonstram como é possível trabalhar a Educação Sexual em escolas especiais de forma adequada e levando conhecimento referente a temática aos alunos matriculados nestas instituições escolares.

Diante do exposto e da importância de se trabalhar a Educação Sexual em ambiente educacional e desta ser ofertada para pessoas com deficiências, surgiram os seguintes questionamentos: existem programas de Educação Sexual em APAEs ou em quaisquer outras instituições educacionais especializadas? Como a Educação Sexual é trabalhada nesses contextos? Quais os materiais utilizados? Quais os assuntos mais abordados? Buscando responder tais questionamentos, este estudo tem por objetivo identificar quais informações tem sido produzidas na literatura a respeito de

experiências de Educação Sexual ofertada a alunos com deficiências em instituições educacionais especializadas.

METODOLOGIA

O presente estudo tem abordagem qualitativa com base na revisão sistemática, que reúne, sintetiza e avalia, criticamente, múltiplos estudos; permitindo maximizar a capacidade de uma busca, constituindo-se em um trabalho crítico, reflexivo e compreensivo em relação ao material analisado (COSTA; ZOLTOWSKI, 2014).

Foi realizado um levantamento bibliográfico no *Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)*. As buscas no banco de dados ocorreram durante o mês de julho de 2021. Para a utilização dos descritores foi empregado o operador booleano AND entre os termos, os quais estavam em português. Os descritores utilizados foram: Educação Sexual inclusiva; Educação Sexual AND APAEs; Educação Sexual AND instituições educacionais especializadas; Educação Sexual AND deficiências e Educação Sexual AND escolas especiais. Apenas um critério de inclusão foi estabelecido: (a) tratar de experiências de Educação Sexual destinadas a alunos com deficiências, ocorridas em ambiente educacional especializado, seja em APAEs ou em quaisquer outras instituições educacionais especializadas.

Inicialmente deu-se a leitura do título, das palavras-chave e do resumo das publicações. Após a seleção daquelas que cumpriam os critérios de inclusão, as duplicações foram descartadas. Posteriormente, foi feita a leitura na íntegra das obras, para comprovação de que realmente cumpriam com os critérios de inclusão determinados e, por fim, a análise destas foi feita.

As obras selecionadas foram submetidas a folha de codificação composta por 11 itens, sendo eles: 1) Título; 2) Endereço na internet; 3) Autores; 4) Ano da publicação; 5) Periódico; 6) Tipo de publicação; 7) Objetivo do trabalho; 8) Participantes; 9) Procedimento; 10) Resultados e 11) Limitações encontrados. Para a avaliação das produções foi utilizada como estratégia a metassíntese, que envolve a análise da teoria, dos métodos e dos resultados dos estudos, levando a uma síntese do fenômeno estudado (COSTA; ZOLTOWSKI, 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As buscas realizadas na base de dados resultaram em 821 publicações. Destas, com o descritor Educação Sexual inclusiva 221 trabalhos foram encontrados, ocorreram 3 duplicações e apenas 1 trabalho foi selecionado. Já com o descritor Educação Sexual AND APAEs 15 trabalhos foram encontrados, no entanto 5 desses eram duplicações e nenhum se enquadrava no critério de inclusão, assim nenhum trabalho com esse descritor foi selecionado. Utilizando Educação Sexual AND instituições educacionais especializadas 47 foram as publicações totalizadas, sendo 11 repetidas e nenhuma foi selecionada, pois não cumpria com o critério de inclusão estabelecido. Com Educação Sexual AND deficiências 291 trabalhos apareceram, 49 se repetiam e apenas 1 foi selecionado para análise. E por último, com o descritor Educação Sexual AND escolas especiais 247 obras foram encontradas, destas 86 eram duplicações e nenhuma destas se enquadrava no critério de inclusão.

Assim, a amostra final para a análise dos estudos foi composta por 2 publicações. Mesmo contendo um critério de inclusão dos trabalhos bastante amplo, não restringindo nacionalidade, tipo de publicação nem data, o número de trabalhos que relatam experiências de Educação Sexual destinada a alunos com deficiências ocorridas em ambiente educacional especializado é extremamente baixo, mostrando que a temática é pouco trabalhada com esse público, ocorrendo a minimização de sua importância na vida de qualquer pessoa e, em questão, da pessoa com algum tipo de deficiência. A maioria dos trabalhos encontrados durante as buscas tratavam da visão dos pais sobre a sexualidade de seus filhos com deficiências, da visão dos professores, muitos eram pesquisas bibliográficas frente a temática, alguns poucos relatavam experiências de Educação Sexual em escolas regulares para os alunos com deficiências ou abordavam a visão que estes têm a respeito de sua própria sexualidade.

A primeira publicação selecionada tem como objetivos apontar indícios sobre o processo de apropriação de conhecimentos e valores sobre sexualidade por adolescentes e jovens com deficiência intelectual em aulas de Educação Sexual e indicar aspectos do contexto que favorecem ou dificultam essas apropriações (MORALES; BATISTA, 2010). Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Participaram da pesquisa 9 alunos matriculados no Ensino Fundamental na modalidade de Educação para Jovens e Adultos

de uma instituição de educação especial. As idades dos participantes eram quatro com 17 anos, um com 19 anos, dois com 20 anos, um com 26 anos e um com 27 anos. As deficiências eram, uma aluna com deficiência intelectual moderada e com paralisia cerebral tetraparética, quatro com deficiência intelectual moderada, um com deficiência intelectual leve e com paralisia cerebral tetraparética e cardiopatia congênita, outro com deficiência intelectual moderada e hidrocefalia com derivação ventrículo peritoneal, outro com deficiência intelectual moderada e com paralisia cerebral hemiparético e um participante com Síndrome de Down. Nenhum participante era alfabetizado.

O programa de Educação Sexual durou 2 anos com a turma e as aulas foram gravadas em vídeo, as quais ocorriam semanalmente a não ser que acontecesse algum imprevisto. Os materiais utilizados foram: tridimensional do tronco do corpo humano, conjunto de bonecos com genitais, gravuras e fotos variadas, quadro imantado e preservativo masculino. Para o recorte do trabalho, foram selecionadas 5 aulas as quais trataram de assuntos como corpo humano, beijo, namoro, coito, camisinha e DST. As categorias que nortearam a análise serão descritas a seguir.

Os assuntos abordados durante as aulas de Educação Sexual que tiveram maior entendimento, apropriação e compreensão dos conceitos foram: (a) aula colocando camisinha. Foi ensinado aos alunos com grande riqueza de detalhes como se coloca o preservativo masculino, utilizando como apoio um preservativo e uma cenoura. Além da exemplificação da colocação, também foram ensinados onde identificar a data de validade, por onde abri-lo com facilidade e de forma adequada. Após a explicação um aluno se habilitou para realizar a mesma tarefa para toda a turma ver e foi percebido que demonstrou compreensão da tarefa, realizando-a sob orientação e com autonomia crescente ao longo da atividade. (b) aula camisinha evita DST. Ao final da explicação sobre DST, são mostradas fotos para os alunos nas quais aparecem genitais infectadas e na sequência são explicados os sintomas e é enfatizada a importância do uso do preservativo como prevenção a essas doenças. A percepção de que o assunto havia sido compreendido pelos alunos ocorreu por meio de um acréscimo à fala da pesquisadora, demonstrando a compreensão da explicação.

Os assuntos que apresentaram dificuldades parciais de compreensão por parte dos alunos foram: (a) aula sobre namoro, apresentação a alguém que se tem interesse. Foi realizada uma dramatização com bonecos, sendo encenada e com enredo criado

pelos alunos. A cena era sobre o encontro entre dois adolescentes; foi percebido com a atividade que a aluna que interpretava a personagem mulher apresentou dificuldades em compreender a atividade, realizando-a com a ajuda dos colegas. Na encenação a aluna joga sua boca em cima do boneco no qual ela tinha interesse, fazendo com que sua boneca beijasse na boca do boneco do colega; tal atitude pode ser entendida como falta de recursos para demonstrar interesse pelo outro de maneira socialmente adequada. Essa atividade permitiu que ela aprendesse comportamentos socialmente aceitos, principalmente com a colaboração de seus colegas que explicitaram para ela outros meios mais adequados de demonstrar interesse em alguém. (b) aula sobre namoro, relembrando as regras da escola. Ainda na mesma encenação citada anteriormente, é o momento dos dois personagens se despedirem e os alunos têm que decidirem qual será a melhor forma de despedida, visto que a cena acontece em ambiente escolar. As alternativas de beijar no rosto e pegar na mão foram descartadas e ficou decidido que a melhor maneira de se despedir em ambientes escolares é dizendo “tchau”. Percebeu-se que a apropriação das práticas sociais não ocorreu apenas com uma experiência, havendo essa compreensão por meio de sugestões de estratégias de despedida feitas pelo próprio grupo de alunos.

E (c) aula sobre namoro, exemplificação do beijo na boca. Ainda tomando a encenação como base, os dois personagens se encontram em um sábado para irem a uma sorveteria e o personagem masculino pede a personagem feminina em namoro e esta aceita. Na sorveteria, o casal se beija na boca e na volta para casa também. Nesta situação, os alunos compreendem o beijo na boca como aceitável visto que os personagens começaram a namorar, o que não ocorreu nas cenas anteriores já que estes ainda não namoravam, o que demonstra o entendimento e a adoção das normas socialmente prescritas para o namoro. Foi identificado que a atividade de encenação proporcionou aos alunos a expressão de diferentes formas de aproximação de práticas sobre namoro, sendo trabalhados aspectos emocionais, respeito ao outro e atitudes adequadas relacionadas à temática.

Já os assuntos que apresentaram embaraço e inibição foram: (a) aula sobre “coito”, barulhos no momento da relação sexual. Ao final da aula a pesquisadora pergunta aos alunos os motivos para se ter uma relação sexual e esperava que eles mencionassem o que ela havia explicado anteriormente, como amor, reprodução e

prazer. Uma aluna pergunta para a pesquisadora se “quando transa, grita?”. Alguns alunos dão risada da pergunta da colega e a pesquisadora pergunta se a menina já ouviu ou se já falou com alguém sobre o assunto. A aluna responde que viu na televisão. Assim, a pesquisadora explica sobre as possíveis reações e formas habituais da expressão do prazer. Com esse assunto, apenas a aluna que o introduziu apresentou naturalidade ao falar sobre, já os demais alunos apresentaram várias manifestações de embaraço e desconforto permanecendo calados frente as indagações da pesquisadora.

(b) aula sobre beijo, reconhecendo parceiros homossexuais. São entregues vários cartões com diferentes tipos de beijos e entre diferentes pessoas. Uma das imagens mostra um rapaz beijando o ombro de outro rapaz em uma festa; esta figura ganha destaque entre os alunos e é passada de mão em mão, alguns alunos riem, outros ficam envergonhados em ver a foto e um faz um comentário utilizando uma expressão inadequada. Essa atividade mostrou que a temática da homossexualidade é tratada pelos alunos com silêncio, zombaria e críticas veladas e explícitas.

E (c) “apelidos” homossexuais. Ainda na atividade citada anteriormente, foi percebido que os alunos falavam menos que o habitual, dessa forma esses foram indagados a continuar falando sobre a imagem, alguns alunos acham estranho, outros dão risada e um aluno entra no assunto sobre “apelidos” dados a pessoas homossexuais e a professora exemplifica alguns. Com essa parte da atividade, observou-se que os alunos apresentavam fortes sinais de embaraço para tratar da questão da homossexualidade, tanto que não conseguiam nem descrever a figura. Porém, no artigo não houve menção sobre como a questão da homossexualidade foi explicada aos alunos e se após essa explicação a compreensão destes mudou.

O artigo apresenta alguns recursos pedagógicos que podem ser utilizados em aulas e programas de Educação Sexual, propostas de atividades sobre alguns temas e como essas atividades podem ser desenvolvidas. Demonstra que qualquer aluno, independentemente de ter deficiência intelectual ou não, tem sexualidade e tem capacidade de aprender questões relacionadas a temática. Uma lacuna presente refere-se à explanação da homossexualidade, dentre todas as descrições das atividades feitas, este assunto foi o único em que as autoras não apresentaram um *feedback* sobre o entendimento dos alunos após explicação adequada referente à temática.

A segunda publicação selecionada é um livro intitulado de *Algumas abordagens da Educação Sexual na deficiência intelectual*, publicado em 2011 de autoria de Lília Maria de Azevedo Moreira. O livro é fruto do trabalho de aconselhamento genético feito pela autora e colaboradores, oferecido aos familiares e profissionais que trabalham com pessoas deficiência intelectual e à própria pessoa com deficiência intelectual, com início no ano de 1986.

Foi desenvolvido um programa educacional contando com oficinas pedagógicas e dinâmicas de grupo para realizar o trabalho com o corpo, o conhecimento de limites e o manejo de preconceitos; com vista às orientações e cuidados necessários para que as pessoas com deficiência intelectual tenham uma vida afetiva e sexual saudável e plena. O livro visa a melhoria na prevenção, na qualidade de vida e adaptação social da pessoa com deficiência intelectual.

Falando especificamente das experiências de Educação Sexual, que é nosso foco principal, no livro são descritas 3 experiências deste tipo contando com oficinas pedagógicas e dinâmicas de grupo. Assim, são mostradas as 13 oficinas que compunham os programas de Educação Sexual destinado a pessoas com deficiência intelectual, tratando estas de assuntos como: relacionamento social; expectativas dos pais ou responsáveis ou cuidadores sobre Educação Sexual e a reflexão destes sobre a temática; conhecimento sobre corpo; trabalho com a autoestima e sentimentos; a visão que a própria pessoa com deficiência intelectual tem a respeito de sua sexualidade; discussão sobre comportamentos sexuais, gravidez indesejada, identificação dos papéis sexuais e entre outros assuntos diversos. Nas apresentações das oficinas são expostos seus objetivos, os materiais utilizados, o tempo estimado de realização e os procedimentos.

A primeira experiência descrita ocorreu no Instituto Pestalozzi da Bahia, participaram do programa de Educação Sexual 22 alunos, do sexo feminino e masculino, com o consentimento de seus pais ou responsáveis, que frequentavam a instituição no período matutino e/ou vespertino. Antes das oficinas e dinâmicas se iniciarem, foi feita uma sondagem para identificar o nível de conhecimento sobre sexualidade e sexo dos estudantes para o ajustamento do programa, bem como constatar o grau de comprometimento intelectual dos alunos para adequar a linguagem utilizadas e algumas atividades. As oficinas realizadas com essa turma foram as de dramatização

para tratar de diversos assuntos envolvendo à sexualidade, assuntos estes que foram escolhidos pelos alunos. Ao final do programa, foi constatado que este possibilitou aos alunos integração melhor com a turma, a quebra de alguns preconceitos e atitudes sexistas e promoveu conhecimento de assuntos concernentes à sexualidade que os alunos ainda desconheciam.

A segunda experiência descrita, foi a efetivação do programa de Educação Sexual na Fundação São Roque, situada na cidade de Nazaré, estado da Bahia. Tal instituição é especializada no atendimento a pessoas com deficiências em período diurno e integral. Os alunos participantes não foram caracterizados e não foi explicitado quantos alunos participaram das oficinas e dinâmicas, apenas foi informado que para a primeira atividade foram selecionados os alunos com maiores dificuldades de comunicação e relacionamento. As dinâmicas desenvolvidas foram aquelas que diziam respeito a visão que a própria pessoa com deficiência intelectual tem a respeito de sua sexualidade, valorização da autoestima, quebra de preconceitos e dramatização sobre diversos assuntos relacionados à sexualidade. Identificou-se que as atividades possibilitaram o aprendizado de muitos assuntos que envolvem a sexualidade, a tratar a sexualidade de forma natural e a autovalorização.

A terceira experiência descrita ocorreu no Centro de Reabilitação e Prevenção de Deficiências (CRPD): Obras Sociais de Irmã Dulce. Essa instituição compreende diversos setores de assistência a população carente e dentre eles está o setor CRPD responsável pelo atendimento não somente dos que residem na instituição, mas também da comunidade no geral. Participaram do programa de Educação Sexual 10 moradores da instituição, 5 de cada sexo, com deficiência intelectual moderada e severa e com pouca verbalização. Esses participantes foram indicados por apresentarem grande curiosidade sexual e/ou comportamentos considerados inadequados. Com os cuidadores desses participantes foi feita a dinâmica que envolve as expectativas destes sobre Educação Sexual e com os participantes as dinâmicas e oficinas feita foram as de conhecimento e sentimento de seu próprio corpo, caracterização das partes do corpo e dinâmicas para trabalhar diversos temas relacionados à sexualidade. A realização das atividades eram uma vez por semana, em horário previamente estabelecido e os participantes sempre estavam acompanhados de suas cuidadoras. O programa permitiu o conhecimento por parte dos alunos sobre inúmeros temas conectados à sexualidade,

bem como pôde viabilizar a adequação dos comportamentos sexuais dos participantes. Esse programa de Educação Sexual se estendeu ao apoio da formação técnica dos(as) cuidadores(as) da instituição, assim os mediadores do programa de Educação Sexual foram convidados a ofertarem novas oficinas a estes sobre a temática, sobre como lidarem com a sexualidade e como ofertar informações adequadas aos seus assistidos.

Este livro e as descrições das oficinas e dinâmicas que constituíram o programa de Educação Sexual são importantes instrumentos e materiais de apoio para a estruturação de outros programas de Educação Sexual destinado a pessoas com deficiências, não somente com deficiência intelectual, fazendo-se necessário realizar as devidas adaptações para atender as necessidades de todos os alunos. Também mostra a importância da criação de materiais didáticos que possam embasar a prática pedagógica daquele que educa sexualmente, visto que há escassez desses materiais. Porém, a descrição das oficinas poderia estar muito mais detalhada no livro e em ordem cronológica, expondo de maneira esmiuçada as características dos participantes, quais as adaptações das oficinas originais foram necessárias serem feitas para atender as especificidades dos alunos e ter delineado com maior aprofundamento os resultados e benefícios que o programa de Educação Sexual trouxe aos participantes.

A escassez de pesquisas que abordam práticas de Educação Sexual em escolas especiais, pode se dar ao fato de que no Documento Norteador: Educação e Ação Pedagógica (FENAPAES, 2017), que subsidia as ações educativas nas unidades educacionais apaeanas e busca orientar as ações profissionais desenvolvidas nessas unidades para contribuir com a formação dos alunos; propondo um currículo que contemple as práticas pedagógicas, diretrizes e avaliações; não apresenta nenhuma proposta referente a Educação Sexual, não citando esta ou fazendo referência indireta a ela na seção sobre o currículo e processos de ensino e aprendizagem. Refere-se somente à atenção e cuidado com o corpo na segurança e prevenção do ambiente em situações compartilhadas e práticas no segmento referente a programação do atendimento educacional especializado, mas sem nenhuma especificação.

Embora haja esforços tanto de profissionais quanto de pesquisadores para o favorecimento do conhecimento sobre a sexualidade, há muito o que ser conquistado ainda nesse sentido, por exemplo, são poucos os programas de Educação Sexual nas escolas, seja regular ou especializada, avanços tímidos ocorreram em relação ao

conhecimento da sexualidade dos homossexuais, das sexualidades não procriativas e das pessoas com deficiências; havendo a continuação dos discursos e práticas que definem quais são ou não os comportamentos sexuais social e moralmente aceitáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação ao objetivo desta revisão, foi possível identificar quais informações tem sido produzidas na literatura a respeito de experiências de Educação Sexual ofertada a alunos com deficiências em instituições educacionais especializadas. O número de pesquisas encontradas foi muito reduzido, podendo ser a consequência (a) dos mitos que cercam a sexualidade das pessoas com deficiências, acreditando-se que essas pessoas são assexuadas e que não possuem desejos e interesses afetivos-sexuais; (b) pela temática da sexualidade ser considerada um tabu, o que é amplificado quando esta é atrelada à sexualidade das pessoas com deficiências e (c) por não se reconhecer a devida importância da Educação Sexual, principalmente destes assuntos serem tratados com os alunos público da Educação Especial.

Os trabalhos selecionados mostram que há interesse por parte dos alunos sobre as questões envolvendo a sexualidade e que também há o interesse dos professores em abordar essas questões com eles, porém não sabem como e se sentem despreparados para exercer tal tarefa. Assim, os estudos são instrumentos importantes para quebrar com os mitos envolvendo a sexualidades das pessoas com deficiências, além de mostrarem como os professores podem abordar o tema com os discentes, apresentam exemplos de atividades, quais materiais podem ser utilizadas, quais temáticas são mais trabalhadas e quais as posturas os educadores devem ter ao tratar dessas questões.

Conclui-se que é papel da escola e dos professores proporcionar, viabilizar e oferecer informações corretas sobre as inúmeras temáticas que compõe a Educação Sexual e sexualidade humana, bem como incentivar e promover pesquisas a respeito de como as diferentes culturas se relacionam com a sexualidade, além de quebrar e problematizar os preconceitos, mitos e tabus que envolvem a sexualidade.

REFERÊNCIAS

COSTA, A. B.; ZOLTOWSKI, A. P. C. Como escrever um artigo de revisão sistemática. In: KOLLER, S. H; COUTO, M. C. P. P; HOHENDORFF, J. V. (Orgs.) **Manual da produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 55-70.

DENARI, F. E. Sexualidade & Deficiência: reflexões sobre conceitos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, UNESP/Marília - Publ. ABPE, v. 8.1, 2002.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000123&pid=S1413-6538201000020000200014&lng=pt>. Acesso em: 15 jul. 2021.

_____. Adolescência, afetividade, sexualidade e deficiência intelectual; o direito ao ser/estar. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 5, p. 125-136, 2010. Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/3491>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

FENAPAES. **Documento norteador: educação e ação pedagógica**. Brasília:

FENAPAES, 2017. Disponível em:

<http://apaerj.org.br/fl/normal/94324documento_norteador_educaa>. Acesso em: 15 jul. 2021.

FONSECA, G. A. M; OLIVEIRA, M. Educação sexual de alunos/as com deficiência: um desafio para os/as professores/as. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL, 3, 2013. Maringá. **Anais**. Maringá: UEM, 2013. p. 1-13.

MORALES, A. S.; BATISTA, C. G. Compreensão da sexualidade por jovens com diagnóstico de deficiência intelectual. **Psicologia: teoria e pesquisa**, 26(2), 235-244, 2010. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ptp/a/TZcLSfcKxbFRTVX5zrvrDgb/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

MOREIRA, L. M. A. **Algumas abordagens da educação sexual na deficiência intelectual**. [online]. 3rd ed. Salvador: EDUFBA, 2011, 147p. Bahia de todos collection. ISBN 978-85-232-1157-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

PALIARIN, F. **Sexualidade e Deficiências**: dando vozes aos adolescentes por meio de oficinas pedagógicas. 2015. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) – Programa de Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras UNESP, Araraquara, 2015.

SANTOS, R. A.; MENDONÇA, S. R.; OLIVEIRA, M. C. A instituição especializada em tempos de inclusão. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 48, p. 41-52, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 14 jul. 2021.

SCHIAVON, D. M. N. **“Não deficiencie minha sexualidade”**: repensando a sexualidade de pessoas com deficiência intelectual por meio de oficinas pedagógicas. 2018. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) - Programa de Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras UNESP, Araraquara, 2018.